

JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Introdução e organização de SEBASTIANA FADDA

V



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Introdução e organização de SEBASTIANA FADDA

V

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2010

À ESPERA, À ESPERA...

Comboios, *Comboios* é uma peça que cruza géneros diferenciados: poesia, teatro no teatro, teatro/circo, teatro do absurdo puro e duro, *à la* Beckett... Profusamente ilustrada com didascálias, reflecte também a presença de forte carga de prosa poética, pequenos versos a jeito de aforismos como ultimamente Jaime Salazar Sampaio tem vindo a publicar (veja-se a recente antologia *As Primeiras Palavras Foram de Amor*, organização de Luís Valente Rosa, Dimensão 6, 2007).

Considerando o conjunto da obra do autor, *Comboios*, *Comboios* é reflexo de temáticas que lhe são caras — a espera, o desengano, o amor, a vida e a morte —, mas é, ao mesmo tempo, um exercício sempre novo de escrita e temáticas cruzadas.

Trata-se de um texto teatral entrecortado por outros textos, com cenas intercalares que quebram a acção inicial e produzem esse efeito pirandelliano que JSS tão bem domina. Contudo, há uma novidade, pois a presença de saltimbancos permite introduzir no espaço cénico novas estéticas contemporâneas, como o teatro-circo, mas, também, reforçar aquilo que creio mais original e importante neste novo texto: a poesia. A definição de personagens e adereços é recorrente a outros textos anteriores. Através de uns e outros, sem se comprometer, JSS acerta contas com a vida, a sociedade e o teatro. E exhibe uma grande ironia sobre as relações humanas, o poder e o sexo, temas aqui abordados menos superficialmente do que muitas vezes tem acontecido.

O dramaturgo aproveita para brincar com as palavras, até chegar às falas finais, em que o protagonista como que se confessa, enquanto ser societário, numa peça que lhe permite responder a perguntas variadas sobre si, a sua escrita, os seus valores. Mas quanto a conclusões, é o próprio que adverte: «com um certo cuidado, não vá uma pessoa partir o pescoço».

Setembro de 2007.

JOSÉ MASCARENHAS